

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

CAPÍTULO 2..... 9

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE (MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

CAPÍTULO 3..... 23

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

CAPÍTULO 4..... 35

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti


Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

CAPÍTULO 5..... 48

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

CAPÍTULO 6..... 54

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino


Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

CAPÍTULO 7..... 69

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES ANALFABETAS


Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

CAPÍTULO 8..... 79

POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?


Fátima Maria de Lima
Osmar Oliveira de Moura
Patrícia Fonseca Dias Miranda
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038>

CAPÍTULO 9..... 86

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO


Elenson Gleison de Souza Medeiros
Rafaelly Cristina Santos da Silva
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira
Cyntia Santos Rolim
Valber Luiz Farias Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039>

CAPÍTULO 10..... 98

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Melissa Salinas Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310>

CAPÍTULO 11 109

LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA


Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311>

CAPÍTULO 12..... 120

VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018

Elisa Aparecida Gomes de Souza
Franciéle Marabotti Costa Leite
Gracielle Pampollim
Gabriela Ravete Cavalcante
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fábio Lúcio Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312>

CAPÍTULO 13..... 133

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE

FEMINICÍDIO


Ionara da Silva Soares
Bruna Thairla Soares Salazar
Marcia Juliana Barbosa da Silva
Mariana Monteiro Freitas
Marcia Regina Pereira Bilio
Pedro de Sousa Vieira
Wayla Kelly de Lima Martins
Rayane Silva Magalhaes Costeira
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

CAPÍTULO 14..... 142

PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER


Jaiani Vitor da Silva
Djane Alves Victor
Alexsandra Felipe de Andrade
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

CAPÍTULO 15..... 154

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO

Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

CAPÍTULO 16..... 164

PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO


Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

CAPÍTULO 17..... 176

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

CAPÍTULO 18..... 190

DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

Andréia dos Santos Felisbino Gomes
Viviani Massad Aguiar
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

CAPÍTULO 19.....	213
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

CAPÍTULO 13

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE FEMINICÍDIO

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 13/01/2022

Ionara da Silva Soares

Faculdade do Maranhão – FACAM
São Luís – Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/7394193004584227>

Bruna Thairla Soares Salazar

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<https://orcid.org/0000-0001-6372-483X>

Marcia Juliana Barbosa da Silva

Faculdade do Maranhão – FACAM
São Luís – Maranhão
<https://orcid.org/000-0003-2432-1418>

Mariana Monteiro Freitas

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<https://orcid.org/0000-0002-5469-8788>

Marcia Regina Pereira Bilio

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/7962659822365264>

Pedro de Sousa Vieira

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<https://orcid.org/0000-0003-0651-1111>

Wayla Kelly de Lima Martins

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
São Luís – Maranhão
<https://orcid.org/0000-0002-8602-9837>

Rayane Silva Magalhaes Costeira

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/7046504068310824>

Graciete Rodrigues dos Santos

Faculdade de Educação Memorial Adelaide
Franco – FEMAF
Pedreiras – Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/4085431199752903>

RESUMO : Tendo em vista que à violência contra a mulher é um fenômeno que atinge um número cada vez maior de mulheres e que se estende para as relações familiares, tornando-se cada vez mais visível. A violência doméstica tem se tornado cada vez mais constante nas relações entre parceiros, caracterizando-se de várias formas: física, psicológica, sexual, patrimonial, etc. afetando a vítima em todas as áreas. esse fenômeno tem chamado cada vez mais atenção das autoridades, na proporção que se alastra pela sociedade, traz consequências para a vida da mulher seja fisicamente ou psicologicamente. Dentro das relações familiares cada vez mais mulheres são agredidas e conseqüentemente mortas por seus parceiros e ex-parceiros. O feminicídio está ligado diretamente com os casos de violência doméstica contra a mulher, este ato configura-se como a última tentativa de imposição

da autoridade sobre a vítima. Realiza-se, então, uma pesquisa de cunho bibliográfico. Diante disso, verifica-se que a violência contra a mulher parte primeiramente da desigualdade de gênero já existente e fixada na sociedade, dessa maneira os casos de violência são cada vez mais crescentes. Com o aumento das agressões cada vez mais casos de feminicídio têm sido registrados, sejam cometidos por companheiros ou ex-companheiros. Conclui-se que a violência contra a mulher fere o direito de uma vida digna, além de ser um ato cruel baseado no gênero que afeta a vida da vítima como um todo tendo como consequência mais grave à morte.

PALAVRA-CHAVE: Violência Doméstica. Mulher. Feminicídio.

ABSTRACT: Considering that violence against women is a phenomenon that affects an increasing number of women and extends to family relationships, becoming increasingly visible. Domestic violence has become more and more constant in relationships between partners, being characterized in various ways: physical, psychological, sexual, patrimonial, etc. affecting the victim in all areas. This phenomenon has drawn more and more attention from authorities, as it spreads throughout society, it has consequences for women's lives, whether physically or psychologically. Within family relationships, more and more women are attacked and consequently killed by their partners and ex-partners. Femicide is directly linked to cases of domestic violence against women; this act is the last attempt to impose authority on the victim. A bibliographic research is then carried out. Given this, it appears that violence against women starts from the existing gender inequality and fixed in society, thus the cases of violence are increasing. With the increase in aggressions, more and more cases of femicide have been registered, whether committed by partners or ex-partners. It is concluded that violence against women violates the right to a dignified life, in addition to being a cruel act based on gender that affects the victim's life as a whole, with the most serious consequence of death.

KEYWORDS: Domestic Violence. Woman. Femicide.

1 | INTRODUÇÃO

A sociedade sempre demonstrou desde os primórdios a sua cultura discriminatória e preconceituosa quanto ao método de educação repassada durante gerações que ferem os direitos das mulheres, em virtude da ideologia patriarcal, para a qual as mulheres se encontram em situação desigual em relação aos homens. Tal relação hierárquica entre os gêneros ocasiona a violência física ou moral contra as mulheres. A violência contra parceiros engloba comportamento dentro de uma relação íntima que pode causar a morte, lesão, sofrimentos físicos, sexual, ou psicológico e dano moral ou patrimonial (BRASIL, 2006). A denominação “violência doméstica” é por conta da violência que ocorre dentro do lar da própria vítima, e na grande maioria efetuada por seu parceiro íntimo. É importante salientar que essa violência se distingue em física, psicológica, sexual e moral. A violência doméstica tem se tornado cada vez mais constantes nas relações entre parceiros, trazendo várias consequências. É um crime cruel que na maioria das vezes resulta na morte de

muitas mulheres, tendo cada vez mais casos notificados. O assassinato de mulheres tem se tornado cada vez mais comum. Essa problemática tem chamado cada vez mais atenção, pois muitas mulheres não sofrem somente violência física, psicológica, sexual, patrimonial, elas também são mortas por seus parceiros ou ex-parceiros. Este trabalho pauta-se em uma pesquisa bibliográfica, por proporcionar uma maior variedade de materiais, sejam eles impressos ou extraídos da internet a serem utilizados na sua fundamentação. Citando Gil (2010, p. 29): “A pesquisa bibliográfica consiste na pesquisa a partir de fontes secundárias, material impresso, material disponibilizado na internet [...] e que com o passar do tempo passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas e CD’s”.

21 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE COMO FRUTO DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR ELA

O papel da mulher frente à sociedade sempre foi discriminado e alvo de todas as violências sofridas por ela, pois foram subjugadas, humilhadas e tratadas como objetos, primeiramente de sua família. Desde o princípio, a sua história possui como base a submissão e dominação pelo homem, sempre estava subordinada ao sexo masculino, na infância era dominada pelo pai e na fase adulta, depois do casamento, por seu esposo.

O homem sempre foi tido como ser superior e sempre exerceu a autoridade que lhe era dada; a justificativa para a repressão da mulher era a superioridade do homem (MURARO,1975). As mulheres são preparadas desde a infância para assumirem o papel de esposa e dona de casa, portanto não necessitariam aprender outra coisa que não fosse vinculado a sua vida doméstica. “É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma” (PERROT,2007, p.93). Portanto para elas eram destinados os saberes que estiverem vinculados ao lar, à obediência assim como manter-se intacta para o seu futuro esposo, sendo preparadas para serem excelentes esposas.

Desta maneira, a mulher não tinha nenhuma autonomia, não era dona de sua própria vontade, era tratada como um indivíduo neutro, pois não tinha direito nem mesmo de escolher com quem dividiria sua vida íntima e amorosa, ou seja, seu pai decidiria qual seria o seu futuro, e quem seria o seu esposo, o casamento era uma espécie de negociação, não estava ligado ao amor e o desejo de duas pessoas de ficarem juntos, portanto, essa união poderia ser convenientes, para as famílias, mas não necessariamente para a mulher.

Depois do casamento, a mulher passava ser regida por seu esposo que agora era seu dono a quem deveria obedecer e esforça-se para agradar, tendo em vista que nenhuma autonomia era dada a ela, tinha que aceitar todas as formas de submissão e muitas vezes de maus tratos. Todos os seus comportamentos eram ignorados, portanto, a mulher tinha que se conservar como alguém pura, ou seja, “moça de família para casar” não poderia

por nenhum motivo permitir que sua imagem fosse difamada, assim, sendo exclusivamente projetada para ser dona de casa e mãe.

Contudo, a ideia acerca da posição da mulher não foi estabelecida unicamente pela família para preservar sua honra, a igreja também teve grande participação sobre essa influência do controle da figura feminina e do poder da sua sexualidade sob o homem, levando em conta o mito que permeia o início da desobediência e do pecado de que Eva induziu Adão a comer do fruto proibido desobedecendo a uma lei divina, portanto, “ a mulher se confunde com seu sexo e se reduz a ele, que marca sua função na família e na sociedade” (PERROT, 2007, p.64). Esse tratamento visava garantir que sua conduta não se tornasse pecadora, contudo não seguir esse padrão de comportamento poderia trazer à mulher difamação feita por comentários de vizinhos, assim como a quebra do convívio com os demais, uma vez que seu comportamento fugisse dos padrões impostos a ela, sua convivência seria limitada e passaria a ser vista como má influência para as demais mulheres. Dessa maneira, a mulher sempre esteve presa a este sistema de desigualdade e o sentimento de posse e controle por suas ações não poderia gerar outro fruto se não a violência.

A mulher sempre foi vitimada e mesmo com o passar do tempo, com a evolução das espécies e a descentralização de muitos conceitos conservadores sobre determinados comportamentos, o fato de ser mulher ainda traz consigo um certo peso e responsabilidade, uma vez que a mulher tem praticamente todos os seus atos ignorados simplesmente por ser mulher. Assim, é preciso entender que ao contrário do que se pensa a violência contra a mulher independe de nível econômico, grau de escolaridade, ou etnia. Verifica-se que há certos tipos de violência “como, por exemplo, os abusos de violência sexuais”, que ocorrem com maior incidência nas camadas sociais médias e altas (SOARES, 2006).

A violência contra mulheres é um abuso dos direitos humanos básicos. Portanto, não poderíamos dizer que a violência está baseada unicamente nas condições de vulnerabilidade, sendo consequência da pobreza, alcoolismo e drogadição, pois a violência contra a mulher atinge todos os níveis econômicos. A visão e o conceito de mulher tanto quanto a desigualdade presente, caminha por toda a sociedade fazendo assim vítimas em todas as camadas.

A violência contra a mulher também conceituada como violência de gênero, nada mais é que o abuso de poder do homem sobre a mulher, onde o mesmo tenta impor sua autoridade usando sua força física. Esse comportamento abusivo está fixado às linhas culturais do país, uma vez que a mulher ao longo de sua trajetória tem sofrido várias repressões.

Como bem adverte a antropologia, é preciso também estar atento para a normatividade social que justifica [os feminicídios] e favorece sua reiteração. Para isso não podemos fixar a atenção apenas no patriarcado como gerador de discriminação, mas temos que concluir outras formas de opressão social que se entrecruzam com gênero e contribuem para desenhar o contexto que

favorece as agressões violentas a mulheres, como a classe, a etnia da vítima, a violência do entorno e o desenraizamento social (COPELLO, 2012, p.131).

O patriarcado, ao longo da história, sempre foi visto como um dos fatores que contribuem como a permanência do fator da violência atravessar gerações, mas de acordo com o autor supracitado não se deve apenas olhar para o mesmo como fator redundante assim como o gênero que também tem sido a causa principal da violência contra a mulher, mas também é importante atentar para o fato que essa violência pode estar ligada diretamente com o meio social da vítima, assim como a classe social e a etnia, a qual está inserida. São muitos os fatores que contribuem para a permanência e o aumento da violência, as raízes culturais que prendem a sociedade à visão machista, que padroniza a mulher como um sexo frágil, dependente do homem como base social. De acordo com Piscitelli (2002), o caráter social de subordinação é questionado, uma vez que a mulher é vista de acordo com os padrões sociais que lhe foram atribuídos. Isto é de grande relevância, pois a ideia é subjacente, o que pode ser construído, pode ser modificado, portanto, se for possível alterar a forma como as mulheres são vistas frente à sociedade, seria possível modificar o espaço por elas ocupado. Desta maneira, a mulher está submetida a esses padrões que definem seu papel frente à sociedade, a menos que possam ser modificados havendo uma intervenção na forma como ela é vista. Se este conceito social sobre a mulher não pode ser modificado ela sempre será vítima deste sistema que aprisiona e que age de forma desigual com a mesma.

3 | A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA LIGAÇÃO COM O FEMINICÍDIO

Seria praticamente impossível falar das relações entre homens e mulheres e não citar as diversas formas de violência sofridas pela mulher no seio familiar, uma vez que são muitas as formas de violência praticadas contra ela. No próprio domicílio na situação de esposa e dona de casa, muitas vezes os deveres familiares são confundidos com obrigações que não podem falhar, levando em conta que em uma relação o homem deseja conduzir de forma autoritária a mulher, muitas vezes ditando o que a mulher pode ou não fazer. Silva (2012) entende a violência doméstica como:

Qualquer forma de comportamento físico e/ou emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações interpessoais, no contexto de uma relação de dependência por parte da vítima (física, emocional e/ou psicológica), e de confiança e poder (arbitrariamente exercido) por parte do abusador, que habitando, ou não, no mesmo agregado familiar seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a [...]. (SILVA, 2012, p. 9).

Compreender o fenômeno da violência doméstica contra a mulher assim como suas diferentes formas de manifestações é de suma importância uma vez que atinge cada vez mais mulheres e traz danos que podem ser irreversíveis e são elas as maiores vítimas de

violência dentro do lar.

Violência doméstica é a que ocorre dentro de casa, nas relações entre as pessoas da família, entre homens e mulheres, pais/mães e filhos, entre jovens e pessoas idosas. Podemos afirmar que, independente da faixa etária das pessoas que sofrem espancamentos, humilhações e ofensas nas relações descritas, às mulheres são alvo o principal. (TELES E MELO, 2003, p. 19).

É necessário entender que a violência doméstica não se baseia somente nas agressões físicas que deixam marcar visíveis, a violência entre parceiros vai, além disso, pode caracterizar-se de diversas formas desde psicológica, sexual, matrimonial. Atingindo a mulher de todas as maneiras, a fim de que ela continue sendo subordinada ao seu parceiro. Por muitas vezes esse tipo de comportamento controlador pode passar despercebido a mulher só percebe que esse ato tenta subordiná-la quando é impedida de manter contato com algumas pessoas até mesmo familiares, ou quando a mulher tenta fazer o contrário causa uma fúria e descontrole por parte do parceiro que nesse momento não aceita ser contrariado. Dessa maneira, a mulher é tida como um produto de posse, que deve total obediência, compromisso, e plena dedicação ao seu parceiro, que por muitas vezes age como um ditador, tratando a companheira como um produto que pode ser manipulado de acordo com suas vontades. A violência gerada dentro do lar é uma das formas mais comuns de violência contra a mulher. Dessa forma, é necessário entender que a partir do momento que a violência se desencadeia dentro do lar, a mulher passa da condição de esposa e companheira para vítima, perdendo assim sua autonomia de decidir sobre sua própria vida, para tornar-se obrigada a fazer o que seu parceiro quiser. “Qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isto constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade” (SAFFIOTI, 2002, p.62). Por outro lado, o homem sempre estabeleceu essa conduta desigual em relação à mulher, nas relações afetivas não poderia ser diferente, se a mulher agredida tomar a decisão de romper com o relacionamento isso causará uma fúria muito maior no homem que não aceitará ser contrariado. A partir do momento em que a mulher toma consciência que não é obrigada a se subordinar ao seu companheiro e já não aguenta sofrer tanta violência dentro do seu próprio lar e decide romper com a relação, ela não irá pôr fim ao seu sofrimento; mas desencadeará muito mais violência, tendo sua vida posta em jogo. Uma vez que o ato de violência mais cruel poderá levá-la à morte, pois a violência não chega ao fim com o término do relacionamento, uma vez que a vítima não terá paz e será perseguida constantemente pelo seu ex-companheiro.

Elas são, dentro de suas próprias casas, espancadas, humilhadas, estupradas e, muitas vezes, assassinadas por seus próprios companheiros e, com frequência, por seus ex-companheiros, ex-namorados, ex-amantes. Sobretudo quando a iniciativa do rompimento da relação é da mulher [...] como a segurança da mulher é considerada uma questão secundária, daí resulta muitas vezes na morte das ameaçadas. (SAFFIOTI, 2002, p.62).

Dessa forma, diferente do que se pensa, sair do relacionamento que a mulher é vítima de agressão não fará com que ela se livre de ser agredida. Infelizmente sair de um relacionamento violento é praticamente assinar a sentença de morte, uma vez que o parceiro nunca se dará por satisfeito. Os casos de mortes de mulheres por seus ex-companheiros mostram o descontrole que permeia essa relação homem e mulher. De acordo com Segato (2006a), o feminicídio é um crime de poder, pois reproduz a perda da autoridade sobre a mulher a qual estão submetidas. O feminicídio se torna a última instância de tentativa de poder, e tem feito muitas vítimas. É um crime que se diferencia dos demais homicídios, pois este tem base na desigualdade de gênero. É de suma importância compreender o feminicídio e sua diferença em relação a outros casos de homicídios. No entendimento das pesquisadoras sagot e carcedo feminicídio é definido como:

[...] O assassinato de mulheres por razões associadas com o seu gênero. O feminicídio é a forma mais extrema da violência baseada na iniquidade de gênero, entendida esta como a violência exercida pelos homens contra as mulheres em seu desejo de obter poder, dominação ou controle. Inclui os assassinatos produzidos pela violência intrafamiliar e sexual (SAGOT e CARCEDO, 2006, p. 414).

Partindo dessa definição, o feminicídio é um crime íntimo quando cometido por alguém que a vítima estabeleça algum tipo de relação ou afinidade, contudo, pode ainda acontecer o feminicídio cometido por pessoas que não tenham nenhuma ligação com a vítima dessa maneira se caracteriza como não íntimo. É importante salientar que o feminicídio está intimamente ligado à violência doméstica contra a mulher, pois nesse cenário a relação de poder do homem sobre a mulher ganha mais força, podendo ele ter mais autonomia sobre suas ações e decisões. É nessa relação que o homem estabelece a desigualdade de gênero e a sua superioridade sobre a mulher. Isso pode ser caracterizado por pequenos gestos no cotidiano, como: proibir a mulher de ter amigos do sexo masculino; tendo conta e senha de aplicativos que possua nas redes sociais; não permitindo que a mulher saia sozinha ou frequente lugares que considere impróprios para ela, entre outros. Ao aceitar essas condições impostas pelo companheiro a mulher não percebe de imediato que torna-se vítima desse sistema de hierarquia que prioriza a conduta do homem como um ser superior, que pode exigir de sua companheira o que quiser, mas não aceita ser cobrado, nem questionado quanto às suas ações “Feminicídio demonstra a desigualdade estrutural entre mulheres e homens e como a dominação dos homens sobre as mulheres encontra na violência de gênero um mecanismo de reprodução da opressão de mulheres”. (LAGARTE, 2008:217).

4 | CONCLUSÃO

Cada vez mais as mulheres são alvos de casos de violência doméstica dentro das relações com seus parceiros. Elas sofrem dentro de seus lares, violência física, psicológica,

sexual, patrimonial, moral. E, por vezes todas essas agressões tem como fim, a morte. O feminicídio é um crime que está baseado na desigualdade de gênero, pois cada vez mais mulheres têm sido mortas por seus companheiros e ex-companheiros. Apesar de ser previsto em lei como um crime hediondo, esse avanço não foi capaz de inibir os agressores e os casos nunca deixaram de crescer. Esta pesquisa se propôs aprofundar-se sobre a ligação dos casos de feminicídio com a violência doméstica. Diante disso, constata-se, que a violência doméstica originasse da desigualdade e tratamento que as mulheres receberam e recebem ao longo dos anos, o feminicídio é a expressão mais severa do descaso e banalização da vida da mulher, onde essa tem sua vida ceifada por um homem. Na maioria dos casos, por seus maridos, e mesmo depois da separação, ainda são mortas como consequência da violência que sofriam dentro do lar. Agora, por seus ex-maridos. O feminicídio não parte de um caso isolado, mas sim, de um percurso de violência, humilhação e desrespeito que a mulher sofre dentro do lar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha: Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm Acesso em: 26 dez. 2021.

COPELLO, P. L. **Apuntes sobre el feminicidio**. Revista de Derecho Penal y Criminologia 3. Época, n. 8 (julio de 2012), pág. 119-143.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010

LAGARDE, Marcela. “**Antropología, feminismo y políticas**: violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres”. In BULLEN, Margaret y DíEZ, Carmen (coords.) **RETOS TEÓRICOS Y NUEVAS PRÁCTICAS**. Serie, XI Congreso de Antropología de la FAAEE, Donostia, Ankulegi Antropologia Elkarte, (2008).

MURARO, R. M. **Libertação Sexual da Mulher**. Petrópolis: Vozes, 1975.p. 166.

PISCITELI, A. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. (Textos Didáticos, n. 48). Campinas: IFCH-Unicamp, 2002.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. (2002). **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

SILVA, J. (2012). **As competências emocionais em mulheres vítimas de violência conjugal**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica, Porto, Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa.

SOARES, Lucila. **O fim do silêncio**. Veja, São Paulo, Ed. 1947, ano 39, n.10, p, 76-82, mar. 2006.

SEGATO, Rita Laura. (2006a), “ Que és un feminicidio: notas para um debate emergente. ” Serie Antropologia, 401.

SAGOT, Montserrat e CARCEDO, Ana. **Cuando la violencia contra las mujeres mata**: femicídio em Costa Rica, 1990-1999. In: CORRÊA, Mariza e SOUZA, Érica Renata de. (orgs.) *Vida em Família: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/ UNICAMP, 2006, pp.405-438 SCHRAIBER et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev. Saúde Pública* 2007;41(5):797-807.

TELES, M. A. de A.; MELO, M. de. **O que é violência contra a mulher?**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

N

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

P

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

R

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

S

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

T

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

U

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

V


Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições




Atena
Editora
Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora

Ano 2022